

Pensar e escrever negro: um ebó de Letras

ALEXANDRE FERNANDES (IFBA / PPGER / PPGREC)
ADILBÊNIA MACHADO (NACE / Rede Africanidades)
LUIZ RUFINO (UERJ / FEBF)

*Aos nossos ancestrais,
Aos nossos mais velhos,
Aos nossos mais novos,
Mojubá!*



Em primeiro lugar, a Exu pedimos agô, solicitamos que, em seu movimento de Axé, promova a restituição, a reparação e a expansão da Vida. Aos pés de Exu arriamos este ebó de letras, uma

encruzilhada de palavras, escritas, contranarrativas, e firmamos o ponto! Não é à toa que Exu, “orixá que devora o mundo¹”, ilustra a capa de “Pensar negro: Poéticas Ancestrais e Estéticas Contracoloniais”.

Sendo este um espaço de re-existência, de reparação étnico-racial e expressão de dissidências de gênero, frente à malvadeza histórica da colonialidade branca, europeia, judaico-cristã, com suas práticas racistas, irracionais e atemporais, o segundo dossiê da trilogia “Pensar negro: Poéticas Ancestrais”, material que ora chega às leitoras e leitores, solicita que Exu, deus da Ordem e que Obatalá, com suas águas, neste início de ano, renovem esperanças e nos fortaleçam para as lutas necessárias.

¹ Ao artista Kiku Dinucci, que nos cedeu sua gravura, agradecemos.

A coletânea de textos disposta no volume 20, n. 226, jan./fev. 2021, da Revista Espaço Acadêmico (REA), se compõem de 11 estudos. Trata-se de um ebó artístico-epistêmico, um conjunto de oferendas, um padê problematizador do discurso colonial, branco, patriarcal, misógino, porque envida esforços para desconstruir efeitos de uma agência fóbica e racista, versando sobre ancestralidade e resistência; cura e reparação; escrita negra e feminina; epistemologia e decolonialidade; corporalidade e educação na infância; tradição negro-africana e formação de subjetividade negra empoderada.

São escritos acadêmico-poéticos, cantos, tambores, movimentos, performances, narrativas contracoloniais, escritas afetivas e afetadas porque insurgentes. Expressam uma desobediência epistêmica, uma contra-literatura negro-brasileira, obra de gente arteira e insurgente como Exu, a acionar memórias do tempo vivido e contado, ao tempo que explicitam histórias e memórias ancestrais. Tornam o corpo negro visível revelando sua complexidade nos planos subjetivo e coletivo, se propõem a criar/retomar formas outras de estar-no-mundo, possibilitando modos outros de sentir o corpo e de compreendê-lo como potência.

Cada autora e cada autor, com seu gingado e malícia, com sua subjetividade alicerçada nos terreiros, nas macumbas, nas escritas negras, com suas experiências, foi articulando seu pensar negro e, ao ousar pensar negro, trilhou uma encruzilhada com vistas a rasurar os episódios cotidianos de racismo socio-cultural-psicologicamente estruturados.

Ora interseccionando gênero, raça e sexualidade, ora evocando a tradição viva e a poética da oralidade, friccionando reflexões entre o engano e a parença, entre o sincretismo religioso e as religiões afro-brasileiras, o dossiê aqui apresentado, borra narrativas brancas buscando perceber ruídos de tradução, de tradição, tanto quanto evidencia o vigor e a capacidade de resiliência da religiosidade negra, suas divindades, sua tradição.

Daí que o conjunto de textos a formar o dossiê em tela, lega escritos ricos acerca de feminismos negros, filosofia da existência negra, sociologia negra, subalternidade, ancestralidade, corporalidade negra, racismo estrutural e estudos da performance. Utilizando-se de autoras como Grada Kilomba, Glória Anzaldúa, Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Jota Mombaça, Achille Mbembe, Frantz Fanon, Emanuel Luís Roque Soares, Luiz Rufino, Eduardo Oliveira, produziram um contregum literário, uma gira, um rolê, um perambular encruzilhado que vai da favela às comunidades quilombolas, das mazelas da pobreza à arte negra como resistência contra a ilusão branca e arrogante impressa pelo autodeclarado cânone com suas estratégias maliciosas de exceção.

Os textos ora dispostos são um ilá, um grito negro nas fuças da escrita branca e da branquitude, com suas pretensas razoabilidades e privilégios, que buscam despachar o carregamento colonial por meio de um agenciamento potente, a saber, a produção de um *lôcus* para a decolonização do conhecimento.

Em outros termos, os 11 textos aqui elencados são um padê negro-alquímico, uma mandinga, um patuá. Expressam o poder de um ebó de letras,

veiculam em forma de palavras, a pomba soprada e o hálito das Iyás, um feitiço de escrita como ato político. Exercitam o ato de tornar-se sujeito, rejeitando um lugar de outridade e a projeção doentio-narcísico branca.

Já percebeu a leitora e o leitor que se disputa nesse dossiê um espaço epistêmico, contrariando a escrita que segrega, desqualifica e hipersexualiza mulheres negras, que violenta os mitos e a religiosidade negra, que inculca ilusões e produz para as pessoas negras, subjetividades recalcadas, dores, traumas e uma possível síndrome de inferioridade.

Todavia, indo do teatro ao conto, da musicalidade ao documentário, da performance à contação de histórias para crianças, amplia narrativas e desestabiliza imagens de controle sobre

os sujeitos negros. Buscando curar os traumas coloniais no “escrever” de uma literatura negra – em outros termos são um momento de “literacura” –, devem colaborar com processos decoloniais. Uma vez que exercita possibilidades de modificação e reconfiguração da língua portuguesa, das mentalidades, da corporalidade, da subjetividade, possibilita que mais pessoas se apropriem de si e se relacionem consigo, com o pensar negro, ao largo de amarras, traumas e violências coloniais, numa relação crítica e dialógica, afetuosa e provocativa.

Que Ori permita!

Axé!